

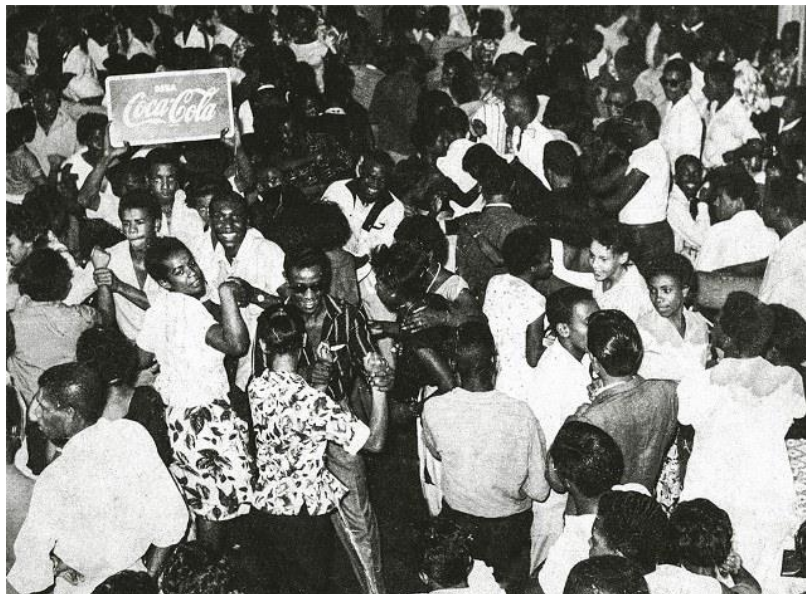
O rap na periferia: a educação social e crítica através dos versos

Gênero musical que nasceu como denúncia se consolida como ferramenta de ensino, identidade e resistência nas comunidades periféricas

*Por Mariana Grassi
São Paulo, maio de 2025*

Durante décadas, o rap foi marginalizado no Brasil, frequentemente associado à violência e ao crime por grandes veículos de mídia e setores conservadores da sociedade. No entanto, esse gênero musical, nascido no Bronx, em Nova York, na década de 1970 e parte essencial da cultura hip hop, transforma-se em uma das mais potentes ferramentas de resistência, conscientização e expressão nas periferias brasileiras.

A chegada do rap ao Brasil se intensifica nas décadas de 1980 e 1990, ganhando força nos bailes black das periferias de São Paulo. Rapidamente, o gênero conquista identidade própria, conectada à realidade local, às vivências da juventude negra e periférica, e à luta por direitos sociais. Com rimas afiadas, batidas marcantes e mensagens contundentes, o rap brasileiro passa a denunciar injustiças e a reivindicar espaços de voz e protagonismo.



Baile black nos anos 1990 — Arquivo: Revista Veja

Durante o período da Ditadura Militar (1964–1985), disciplinas como Filosofia e Sociologia foram removidas das escolas, comprometendo o desenvolvimento do pensamento crítico. Nesse cenário, o rap emerge como educador informal, transmitindo conhecimento sobre questões raciais, políticas e sociais. Grupos como os Racionais MCs popularizam referências a líderes como Malcolm X, Martin Luther King, Zumbi dos Palmares e Nelson Mandela, promovendo a circulação de saberes que muitas vezes são negados no ambiente escolar.



Racionais MCs — Arquivo: Agência Mural

A voz das periferias

Para compreender melhor o impacto do rap na formação crítica da juventude periférica, duas vozes que vivem, ensinam e produzem essa cultura foram ouvidas: o rapper Rincon Sapiência e a educadora Claudia Balthazar.

As perguntas enviadas ao Rincon Sapiência foram respondidas por meio de sua assessoria de imprensa, em contato realizado via e-mail, já que o rapper não realiza muitas aparições públicas e entrevistas.

Com carreira consolidada na música, Rincon é um dos grandes nomes da cena nacional. Suas letras abordam temas como racismo, identidade e desigualdade social com poesia, crítica e criatividade. Ele destaca o papel transformador do rap:

“O rap sempre foi a voz potente das quebradas. Ele transforma porque fala direto sobre a nossa realidade, sem filtro. Quando um jovem escuta uma letra que retrata a vida dele — as dificuldades, os sonhos, as lutas — ele se sente reconhecido. Isso gera autoestima e consciência crítica.”

Ele relembra experiências que demonstram o papel educativo do rap:

“Desde o começo, a gente usa a rima pra contestar, pra cobrar, pra denunciar o sistema que oprime a periferia. O rap é trincheira. Denuncia o racismo, a violência policial, o abandono. Mas também valoriza a nossa cultura e história. É luta e sobrevivência.”

“Já recebi muitos relatos de professores que usam minhas músicas pra discutir racismo, desigualdade e identidade nas escolas. Lembro de um projeto numa escola da Zona Leste que usou ‘A Coisa Tá Preta’ pra falar sobre autoestima racial. Foi poderoso. O rap educa não só com a cabeça, mas com o coração.”

Sobre políticas públicas para o setor, ele é direto:

“Quero ver políticas que reconheçam de verdade a cultura da periferia como parte da história do Brasil. Que incluam o rap, o samba, o funk como expressões legítimas da nossa identidade. Cultura é conhecimento, é cidadania.”

“O rap mantém viva a nossa memória. A gente lembra da ancestralidade, das lutas. Quando falo de realidade africana, quilombos, resistência, tô dizendo pros jovens pretos que nossa história é de força. O rap levanta a cabeça do povo preto e mostra que a gente é protagonista.”



Rincón Sapiência em ensaio fotográfico — Foto: Revista Espaço Rap, 2022

O rap na sala de aula

Claudia Balthazar é educadora e formada em Turismo pela PUC-Campinas. Mulher negra e atuante em projetos sociais, ela acredita no rap como ferramenta pedagógica potente, especialmente com estudantes que não se veem representados na escola tradicional.

Para Claudia, o rap não é apenas música, mas um instrumento de formação crítica, política e afetiva:

“A música negra sempre fez parte da minha identidade. O rap entrou na minha vida de maneira natural e foi, e ainda é, uma das coisas mais importantes para mim. Essa música dá voz à periferia. O rap, junto com o grafite, as tecnologias do DJ e as rimas, mostra o que é cultura para o povo preto. É resistência, é manifestação cultural.”

Ela ressalta que suas aulas sempre trazem referências ao rap, independentemente do tema abordado:

“Sou professora, e antes de atuar no ensino superior, trabalhei como educadora social na área ambiental. Não existe uma aula minha sem citar o rap e seus

cantores. Ele fortalece a transmissão da realidade e se conecta diretamente com o público. O rap é educativo, é político, é atemporal.”

Além do aspecto pedagógico, Claudia também destaca a importância do rap para o turismo cultural nas periferias:

“Com certeza! Já viajei muito para ver a música negra. O rap movimenta as periferias, contribui e está presente nos territórios. Ele valoriza os espaços, as histórias, as comunidades. É um elemento forte do turismo cultural.”

Para ela, a relação entre rap e políticas públicas também é evidente:

“Não tem mais como fugir da educação antirracista. Quem não acompanhar isso vai ficar para trás. O rap é um movimento social que cutuca a política, que afronta a polícia, que vem da rua. Não só influencia: ele elege.”



Claudia Baltazar – Arquivo Pessoal

As falas de Rincon Sapiência e Claudia Baltazar evidenciam como o rap se tornou uma ferramenta estratégica na formação crítica de jovens nas periferias brasileiras. Um levantamento da Fundação Perseu Abramo já indicava, em 2019, que 78% dos jovens de comunidades urbanas consomem rap regularmente e que muitos deles associam o gênero ao aprendizado sobre desigualdade, racismo e resistência.

Além disso, projetos como o Rap na Escola, implementados em redes públicas de cidades como São Paulo, Salvador e Belo Horizonte, utilizam letras de artistas como Emicida, Racionais MCs e Rincon Sapiência em aulas de História, Sociologia e Língua Portuguesa, aproximando o conteúdo escolar das vivências dos alunos.

Nessa intersecção entre arte, política e educação, o rap preenche lacunas deixadas por uma escola que historicamente exclui narrativas negras e periféricas. Ele oferece acesso a referências que vão de Malcolm X a Dandara dos Palmares, promovendo uma pedagogia da escuta, da identificação e da valorização cultural.

Mais do que expressão musical, o rap se consolida como linguagem de cidadania. Sua presença nas salas de aula e nas rodas de conversa é, cada vez mais, um instrumento concreto de formação crítica, fortalecimento de identidade e resistência coletiva.